

RESENHA: João Feres Jr. *A história do conceito de "Latin America" nos Estados Unidos*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

Arthur Bernardes do Amaral*

Certa vez, o escritor espanhol Camilo José Cela, ganhador do Prêmio Nobel de literatura de 1989, afirmou que "*a história, a indefectível história, vai a reboque das idéias*" [1]. A rica contribuição de João Feres Jr. em "A História do Conceito de 'Latin America' nos EUA", nos faz crer que o espanhol estava coberto de razão.

Feres Jr., que leciona no IUPERJ desde 2003, é PhD em Ciência Política pelo *Graduate Center da City University of New York (CUNY)* e membro do *History of Political and Social Concepts Group (HPSCG)*. Além disso, o autor da obra vencedora do concurso EDUSC-ANPOCS (Edição 2004) de melhor trabalho de Ciência Política é editor da revista *Contributions to the History of Concepts* [2].

A proposta principal de seu texto é analisar a semântica histórica do conceito de *Latin America (LA)* para demonstrar, por exemplo, como a percepção que os norte-americanos têm de seus "vizinhos do sul" influencia sua política externa para a região. Em outras palavras, o autor quer evidenciar como as formas discursivas de desrespeito, expressas pelas diferentes conotações semânticas atribuídas à *LA*, dão contorno ao relacionamento entre o Eu norte-americano e o Outro *latin american*. A tese central do autor é que o conceito de *LA* é definido no inglês americano, seja de forma implícita ou explícita, como um oposto assimétrico da auto-imagem glorificada da *America*. As características que definem o conceito de *latin american* – adjetivos associados à irracionalidade, vaidade e dissimulação – são negativas. A inversão semântica destes últimos adjetivos gera a auto-imagem americana de indivíduos racionais, acéticos e disciplinados: o *latin* é o Outro que habita o continente americano.

A noção de raciocínio sinedóquico é usada para demonstrar como o alcance das oposições assimétricas é estendido através de sua aplicação generalizada e assim expor como termos depreciativos ou pejorativos servem para propagar representações negativas que contribuem para o rebaixamento do *status* social dos "insultados". O autor observa que o termo *latin american*, seja na linguagem cotidiana ou acadêmica,

denomina não somente um espaço geográfico, mas versa sobre o temperamento dos seus habitantes
seus habitantes.

Feres Jr. dialoga com autores como Hegel e Koselleck para elaborar um inovador método de história conceitual e uma tipologia das formas de desrespeito. A semântica das formações conceituais ganha relevo. Ela pode servir de meio para inferiorizar e excluir o Outro caso este contra-conceito adquira o caráter de oposições negativas (quando a definição do Outro se configura como uma mera inversão semântica do Eu) e assimétricas (quando se relacionam conceitos positivos à identidade do Eu enquanto a do Outro são atribuídos traços negativos). O autor lista três as formas de desrespeito por oposições assimétricas: cultural, temporal e racial.

Voltamos ao escritor Torres de Caicedo e ao panlatinismo do século XIX para buscar em *Spanish America* a pré-história do conceito de LA, Feres Jr. se debruça sobre a linguagem comum e cotidiana relacionada ao termo demonstrando que, desde então, já havia um sentimento antiespanhol por parte dos anglo-saxões. Analisando charges da época, Feres Jr. destaca o componente racial (*latin americans* são pessoas de pele escura) presente nas representações que, ademais, fazem alusões à infantilidade, irracionalidade e subdesenvolvimento como que implicitamente requerendo a figura de um pai protetor, maduro, racional e moderno – papel que os americanos pretendem incorporar, sobretudo, com as Doutrinas Monroe e do Destino Manifesto.

Posteriormente, o autor mapeia o contexto histórico-político do surgimento e evolução, sobretudo na década de 60, dos *Latin America Studies (LAS)*. O foco de Feres Jr. sai da linguagem comum e se posta sobre o discurso sócio-científico da teoria da modernização. A produção teórica de então – deficiente, escassa e dominada por *policy scientists* – buscava criar mecanismos de controle que garantissem uma transição segura: a modernização (a propagação e implantação do capitalismo) se torna um meio de contenção do comunismo e umas das principais pautas da política externa americana para a LA. Nestes discursos, observa-se a recorrente operação de um *handicap* histórico: o passado se reproduz num movimento sem mudança; seu legado conspira contra o presente e o futuro ao gerar uma inescapável imobilidade histórica. A história da *latin america* se torna uma não-história e a oposição simétrica temporal substitui a racial enquanto base de justificação de um projeto neocolonial.

Em seguida, temos uma análise da teoria da estabilização política. Avaliando, entre outros, autores como Samuel P. Huntington, Feres Jr. observa que, nesta literatura, a modernização passa a ser encarada como perniciosa aos os interesses dos EUA: a rápida mudança social pode gerar instabilidade política e a ascensão interna de forças de antiamericanas. A estabilização política capitaneada por militares doutrinados na ética e valores dos EUA (livres dos males de sua cultura original) ganha prioridade sobre o desenvolvimento. As oposições culturais, temporais e, certas vezes, raciais persistem. O raciocínio sinedóquico ainda opera tratando a LA como uma unidade e, assim, atribuindo características negativas a todos os países da região.

Feres Jr. aborda os estudos da dependência para considerar a recepção destas abordagens alóctones pela a academia norte-americana. Focando as abordagens de F. H. Cardoso & E. Falleto assim como a contribuição de A. Gunder Frank, o autor aponta uma ruptura no modo de tratar a LA. Em seu ataque às teorias de modernização, os dependentistas tratam o subdesenvolvimento *na LA* como um conjunto de relações hierárquicas (de dominação) inseridas no arranjo capitalista. Trata-se de um produto de relações históricas de subordinação: ele não é [próprio] *da LA*; não é uma condição intrínseca ou resultado de paralisia histórica. Os países da região se unem por sua história comum de colonialismo e de 'satelitização', ou seja, pelas estruturas políticas, econômicas e sociais da dependência. De acordo com Feres Jr., a recepção destas teorias foi "ampla e variada". O academicismo ganha destaque com os novos latino-americanistas os quais, seguindo os dependentistas, buscam refutar a oposição assimétrica temporal. Contudo, nos alerta o autor, ainda podemos observar alguns traços de raciocínio sinedóquico derivados, provavelmente, de 'vícios' advindos do cotidiano e de outras abordagens dos LAS. Em outras palavras, a recepção da dependência nos EUA não foi capaz de banir plenamente as oposições assimétricas dos textos produzidos pelos LAS.

Os estudos corporativistas do início da década de 70 são então abordados. Para Feres Jr., as premissas de autores como Newton e Wiarda sobre a LA não são inovadoras. Seus textos "*retomam e radicalizam o que já fora proposto pela teoria da modernização e teoria de estabilização política*". O manto do relativismo cultural esconde etnologias que se aproximam do "*insulto flagrante*" e que ocultam um profundo desprezo por tudo o que é identificado como cultura *latin american*: o

recurso, em larga escala, a adjetivos depreciativos, quase insultuosos, demonstra o uso das oposições assimétricas como instrumentos de negação de reconhecimento. Apela-se, ainda, às idéias de patologia cultural, paralisia histórica e irracionalidade, não obstante a crescente tendência ao academicismo e progressivo afastamento do *policymaking*. A imagem do conflito constante sem real movimento histórico é recorrente. Sendo uma sociedade estática, a mudança na LA só poderia ocorrer mediante influência externa – particularmente a dos EUA. A racionalidade é característica exclusiva do Estado. A ditadura aparece como é a única forma de conduzir a sociedade na LA: o corporativismo e o autoritarismo endógeno não são construções sociais, mas traços naturais, imutáveis e inerentes à região. A Política Externa dos EUA deve então aceitar este fato reconhecendo, apoiando, ou meramente ‘ignorando’ os atos de ditadores, estas criaturas próprias da LA. Mais uma vez, a literatura sobre a LA adquire uma utilidade política prática.

Chegamos ao presente através da análise dos meios pelos quais a maioria dos norte-americanos tem o primeiro contato com o conceito de LA: os livros-texto usados na educação universitária. Nestas obras, o interesse pela LA é justificado em termos dos interesses políticos e econômicos dos EUA na região ou em função da latinização da sociedade norte-americana. A ignorância sobre a LA – um passivo objeto a ser apropriado ou perigo a ser gerenciado – deve ser superada para melhor promover os interesses dos EUA – os agentes políticos ativos desta relação. O “*peso da história*” é ainda constantemente evocado. Certas representações listadas parecem, no mínimo, inusitadas: Goodwin, cuja patente ignorância Feres Jr. destaca de antemão, diz que não é incomum um operário ir ao trabalho vestido num terno, com pasta na mão para assim demonstrar seu ‘valor público’. Nos textos, a LA se mantém imersa na tradição e acometida pela paralisia histórica: a violência, irracionalidade e incapacidade de mudar aparecem como características inerentes ao seu caráter. Nas capas, a LA ‘moderna’ é representada com elementos de exotismo, primitivismo, tradicionalismo, atraso, arcaísmo, irracionalidade, violência e por pessoas de pele escura. Nesse sentido, a oposição assimétrica racial é disfarçada no texto, mas se manifesta nas ilustrações das capas dos livros. Aquilo que Wiarda e Klein pejorativamente nomeiam *pátria chica* continua a ser vista como o ‘Eles’ oposto ao ‘Nós’ norte-americano. Recorrentemente, afirma-se a complexidade da LA para, em seguida, reafirmar sua unidade. A oposição assimétrica temporal entremeada pela oposição assimétrica cultural é evocada: a chave para entender a LA está em seu passado de tradições ibéricas e romanas. O raciocínio sinedóquico permanece: o que há de positivo no Outro é exceção, o que nele

há de negativo é generalizado e tomado como sua verdadeira e imutável essência. Em suma, embora se declarem contra estereótipos, os autores dos livros-texto acabam por reafirmá-los.

Assim como as melhores peças intelectuais, a obra de Feres Jr. não se resume a nos expor um debate fechado e obscuro. O fluir dos capítulos indica que o autor não se resume a atacar teorias e percepções já mortas. Pelo contrário, por meio de sua leitura, observamos o quão atual elas são e, possivelmente, permanecerão sendo. A questão dos imigrantes e da 'latinização' da sociedade americana, por exemplo, está na pauta do dia. Comícios por vários estados norte-americanos demonstraram que milhares de imigrantes legais e ilegais decidiram que 'não mais permanecerão invisíveis' [3]. Huntington [4] já se pronunciou, em um artigo que seria não menos que um banquete para os interessados em aplicar as ferramentas analíticas propostas por Feres Jr., sobre "*o desafio hispânico*" que "*ameaça dividir os EUA em dois povos, duas culturas e duas línguas*".

Ao abordar um tema polêmico e descortinar tantos impropérios que certas vezes mesmo nós, *latins*, reproduzimos, o autor, mais do que nos dar respostas fechadas, semeia uma infinidade de novas perguntas e questões. A escrita arguta e contundente com a qual Feres Jr. analisa as práticas discursivas dirigidas aos *latins* retém nossa atenção e aguça um certo anseio pelo engajamento em um debate direto onde possamos rebater estas imputações. Todavia, poucos são os momentos em que o autor busca retrucar e desmentir despautérios como o operário de Goodwin. Entretanto, ao analisarmos a obra em seu conjunto, observamos que esta possível crítica não procede em função da atenção do autor se voltar não sobre a veracidade destes argumentos, mas sobre as conseqüências práticas da adoção deste ou daquele discurso. Nisto reside a originalidade de sua competente operação de análise das práticas discursivas.

Por ser a primeira contribuição deste porte em língua portuguesa, a obra é leitura obrigatória para os interessados no auspicioso campo da história conceitual. O texto oferece a Cientistas Políticos, Sociólogos e Antropólogos um eficaz método para analisar discursos relacionados à alteridade. Pesquisadores de Relações Internacionais interessados por aportes alternativos ao *mainstream* encontram no livro uma esclarecedora operacionalização destas novas vias intelectuais. Além destes, formadores de opinião, diplomatas ou homens de governo muito podem ganhar ao ler

a obra: por meio do texto, os potenciais leitores podem desvendar a origem e o *modus operandi* de certos conceitos para, a partir de então, buscar a elaboração de discursos alternativos que viabilizem práticas sociais ativas e combatam as subordinações conceitual, intelectual e política que emanam de alhures.

NOTAS

[1] CELA, Camilo José. *A Colméia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

[2] Para maiores detalhes acessar <http://contributions.iuperj.br/>

[3] BALZ, Dan; FEARS, Darryl. 'We decided not to be invisible anymore: pro-immigration rallies are held across country. *Washington Post*, 11 abr. 2006, A01. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/04/10/AR2006041001759_pf.html>. Acesso em: 13 abr. 2006.

[4] HUNTINGTON, Samuel P. The Hispanic Challenge. *Foreign Policy*, Washington D.C., p.30-45, Março / Abril de 2004. Disponível em: http://www.foreignpolicy.com/story/cms.php?story_id=2495. Acesso em: 15 de maio de 2006. Para uma versão do artigo em português ver HUNTINGTON, Samuel P. O desafio hispânico. *Política Externa*, São Paulo, Paz e Terra, vol. 13, n. 1, p.39-58, Junho/Julho/Agosto 2004. Para um interessante contraponto ver FUENTES, Carlos. O racista mascarado. *Política Externa*, São Paulo, Paz e Terra, vol. 13, n. 1, p.59-64, Junho/Julho/Agosto 2004. Segundo o *site* da revista *Foreign Policy*, o artigo de Huntington se trata de um excerto do livro vindouro *Who are We?: The Challenges to the America's National Identity* (Quem Somos Nós?: Os Desafios à Identidade Nacional da América) do mesmo autor.

* O autor da resenha é mestrando em Relações Internacionais da PUC-Rio.

Contato: arthur.bernardes@gmail.com